



A noite do caçador: mal-estar na cultura contemporânea

*Gilbert Diatkine**, Paris

No filme de Charles Laughton, O mensageiro do diabo (The night of the hunter), duas crianças acreditam ter escapado do assassino de sua mãe que as persegue para roubar-lhes o tesouro que o pai lhes deixou. Quando pensam que finalmente podem dormir e sonhar em paz, logo são despertadas pelo canto do assassino, que seguiu o rastro delas. Elenunca dorme!, diz a criança mais velha à menor. Da mesma forma, os terapeutas de sobreviventes de crimes coletivos ficam às vezes traumatizados ao tomarem consciência de que os crimes que pensavam pertencer ao passado se repetem no mesmo momento em que seus traços estão sendo elaborados. Percebem, então, que ainda acreditam num progresso contínuo da civilização, assim como Freud, mesmo que uma outra parte deles saiba bem que entramos na pós-modernidade depois de Auschwitz e Hiroshima. Essa posição clivada será inerente à posição do psicoterapeuta no tratamento de sobreviventes, ou será que pode ser substituída pelo contexto político e social levado em conta na interpretação?

Descritores: Pós-modernidade. Traumas coletivos. Civilização.

* Psicanalista Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.

Freud (1929) falava do *mal-estar* na civilização por eufemismo, para designar o desastre infligido pela Primeira Guerra Mundial à visão que os homens da sua geração tinham do progresso da história. Os massacres em massa nas nações mais civilizadas do mundo demonstravam que, ao contrário do que pensara Freud (1908), a cultura nem sempre leva a uma maior sublimação. A renúncia dos indivíduos à satisfação imediata de suas pulsões mais arcaicas, obtida pela cultura, é apenas aparente e provisória (Freud, 1915). De fato, há um progresso da cultura, mas uma barbárie sempre crescente o acompanha. Por que assim acontece? A questão ultrapassa muito os limites da psicanálise. Em *O ego e o id*, Freud (1923) introduziu uma idéia que poderia ser a contribuição psicanalítica para uma resposta, mostrando que é o próprio processo de sublimação que liberta do instinto de morte¹. A análise dessa proposta requer um trabalho à parte que deixarei de lado. Tentarei examinar apenas se esse *mal-estar* tem um impacto no *setting* analítico e se pode ser interpretado.

A própria representação coletiva do processo de civilização variou ao longo da história, sem necessariamente ter relação direta com o que sabemos sobre a evolução dos dados históricos. Os homens do Renascimento e da era clássica percebiam suas épocas como definitivamente decadentes em relação à Antiguidade, enquanto nós as vemos hoje como épocas de progresso. A partir do Século das Luzes, ao contrário, predominou a idéia de que se vivia um progresso contínuo de civilização que define a concepção *moderna*, progressista, do processo civilizatório. A Primeira Guerra Moderna marca o início da *pós-modernidade* (Lyotard, 1979) e do mal-estar na civilização. Nossa representação coletiva do movimento da civilização é geralmente *inconsciente* no sentido descritivo. Pode aliar-se a representações inconscientes no sentido estrutural e assim participar da contratransferência do analista.

No meu relatório de 2000 para o Congresso dos Psicanalistas de Línguas Romanas, sobre o *Superego cultural* (Diatkine, 2000), tentei examinar o efeito desse abalo no pensamento de Freud. Freud era fundamentalmente um pensador da modernidade. Atribuía grande importância ao progresso da civilização, que, para ele, só podia levar à *ditadura da razão* (1933), aliás, em detrimento do

¹ “A transformação da libido de objeto em libido narcísica que então se produz comporta manifestamente um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, portanto uma espécie de sublimação. Surge inclusive uma questão que merece ser aprofundada: não seria esta a via geral da sublimação, toda sublimação não é produzida pelo ego que começa transformando a libido de objeto sexual em libido narcísica para atribuir-lhe eventualmente outra meta? Essa transformação não poderia ter como consequência outros destinos pulsionais, por exemplo, provocar uma defusão das diferentes pulsões fundidas juntas? Isso será retomado mais adiante” (Freud, 1923, p. 242).



indivíduo. Essa concepção traz muitas conseqüências para a teoria psicanalítica: o desenvolvimento do indivíduo recapitula o desenvolvimento da civilização (Freud, 1929) e passa pelos mesmos estágios. Como toda a humanidade, o indivíduo deve renunciar sucessivamente ao incesto, à pedofilia, às satisfações extragenitais e às satisfações extraconjugais (1929). Há uma comunidade, ou mesmo uma identidade, entre “a criança, o homem primitivo e o selvagem [...]” (1911, p. 324). A repulsa, o pudor e a moral do indivíduo são o “depósito histórico das inibições externas que foram impostas à pulsão sexual na filogênese da humanidade” (1905, p. 174). As idéias da criança sobre a procriação passam da sensorialidade ao pensamento lógico. Tal passagem repete aquela que se dá do matriarcado ao patriarcado na história da humanidade (1909). O recalçamento do erótico anal reproduz, na história da espécie humana, o abandono da predominância do olfato em proveito da visão, no momento em que os primatas assumem a posição vertical. Freud (1929) fala então de *recalque orgânico*.

Todavia, logo no início da Primeira Guerra Mundial, Freud (1915) descobre que aquilo que ele tinha como um progresso irreversível da civilização não passava de um mito. Se poucas semanas de guerra bastaram para que todos os progressos da humanidade se extinguissem, foi porque não passavam de uma aparência. O progresso técnico e a barbárie acomodam-se bem um ao outro. Esse choque sofrido por Freud, assim como por muitos pensadores de sua geração (Valéry, 1919, Zweig, 1944), teve grandes impactos em sua teoria: a virada dos anos vinte e a introdução da pulsão de morte encontram parte de suas raízes em 1914.

Com *Além do princípio de prazer* (1920) e *O ego e o id* (1923), poder-se-ia dizer que Freud se tornou um pensador da pós-modernidade. Ele não consegue mais conceber o movimento da civilização como um progresso contínuo, tal qual se fazia desde o Século das Luzes. Porém, ao mesmo tempo, permanece ancorado na Modernidade. É espantoso, por exemplo, que, em *O mal-estar na civilização* (1929), escrito seis anos depois de *O ego e o id*, Freud não mencione explicitamente a pulsão de morte, embora queira que a agressividade tenha seu lugar reservado nas relações humanas. A noção de *Superego cultural*² reflete bem essa polaridade:

² “Pode-se afirmar que também a comunidade desenvolve um superego sob cuja influência se produz a evolução cultural [...] O superego de uma época de civilização tem origem semelhante à do superego de um indivíduo. Ele se baseia na impressão deixada atrás de si pelas personalidades dos grandes líderes – homens de esmagadora força de espírito ou homens nos quais um dos impulsos humanos encontrou sua expressão mais forte e mais pura e, portanto, quase sempre, mais unilateral. Em muitos casos, a analogia vai mais além, como no fato de, durante a sua vida, essas figuras – com bastante freqüência, ainda que não sempre – terem sido escarnecidas e maltratadas por outros e, até mesmo, liquidadas de maneira cruel. Do mesmo modo, na verdade, o pai primevo não atingiu a divindade senão muito tempo depois de ter encontrado a morte pela violência. O exemplo mais evidente dessa conjunção fatídica pode servisto na figura (cont. p. 146)

de um lado, é o fruto do desenvolvimento contínuo da civilização, de outro, age com um sadismo cada vez maior contra os indivíduos e provoca cada vez mais violência.

Assim como Freud, temos geralmente duas representações concomitantes do movimento da civilização. Sabemos perfeitamente que, depois de Auschwitz e de Hiroshima, não podemos mais crer no progresso da humanidade, mesmo assim, um pouco sem saber, nós todos acreditamos em um futuro feliz³ e poderíamos dizer como Aragon:

*Vous me mettez avec en terre
Comme une étoile au fond d'un trou⁴.*

Nosso vínculo com a modernidade pesa em nossa prática psicanalítica sem que o percebamos, a história justificando-o, ou não, posteriormente. Pode entrar em conluio com certos aspectos de nossa contratransferência ou, simplesmente, deformar nossos relatos de tratamento.

A noite do caçador

Junto a participantes de um seminário sobre traumas, coordenado por mim no Hospital Sainte-Anne, em Paris⁵, vivenciei em dois momentos, ao longo do período de 2006-2007, a experiência de nosso vínculo inconsciente com a modernidade e de seu impacto no tratamento analítico.

de Jesus Cristo – se, em verdade, essa figura não faz parte da mitologia, que a conclamou à existência a partir de uma obscura lembrança daquele evento primevo. Outro ponto de concordância entre o superego cultural e o individual é que o primeiro, tal como o último, estabelece exigências ideais estritas, cuja desobediência é punida pelo *medo da consciência*. Aqui, em verdade, nos deparamos com a notável circunstância de que, na realidade, os processos mentais relacionados são mais familiares para nós e mais acessíveis à consciência tal como vistos no grupo, do que o podem ser no indivíduo. Neste, quando a tensão cresce, é apenas a agressividade do superego que, sob a forma de censuras, se faz ruidosamente ouvida; com freqüência, suas exigências reais permanecem inconscientes no segundo plano. Se as trazemos ao conhecimento consciente, descobrimos que elas coincidem com os preceitos do superego cultural predominante. Neste ponto, os dois processos, o do desenvolvimento cultural do grupo e o do desenvolvimento cultural do indivíduo, se acham, por assim dizer, sempre interligados” (Freud, 1929, p. 76-77). N.T.: Citação em português extraída de *O mal-estar na civilização. Edição eletrônica da Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.*

³ N.T.: No original, a expressão idiomática *lendemains qui chantent* tem sua origem num antigo *slogan* comunista.

⁴ N.T.: Vós me poreis na terra como uma estrela no fundo de um buraco.

⁵ Serviço do Doutor Pérouse de Monclos



A Dra. Silvia Amati-Sas, de Trieste, nos contou a história de uma de suas pacientes, sobrevivente do terror na Argentina, que fizera uma primeira longa análise com ela em Genebra, voltando a procurá-la mais tarde em Trieste porque persistia nela o que Silvia Amati-Sas chama de uma *adaptação a qualquer coisa*. A paciente continuava sugestionável, tornando-se assim presa fácil para agentes comerciais ardilosos. Durante a segunda terapia, Silvia Amati-Sas descobriu que a regressão a uma fase de indiferenciação simbiótica sob o efeito da tortura favorecera na paciente uma das manifestações daquilo que José Bleger (1967) denomina o *núcleo ambíguo*: uma submissão total a um outro, que muitas vezes é um psicopata. Durante essa terapia, a paciente sofre ameaças da Argentina, por telefone, vindas justamente daqueles que a torturaram. O choque sofrido pela analista nessa ocasião levou-a a uma mudança de atitude e a uma nova perspectiva teórica, sobre a qual voltarei a falar⁶. Mas antes eu gostaria de destacar a emoção e a incredulidade que compartilhamos com a autora ao descobrirmos que aquilo que se apresentava, inicialmente, como um traumatismo do passado podia reproduzir-se no mesmo momento em que ela nos falava sobre ele. Aparentemente, jamais teríamos imaginado que isto fosse possível!

Alguns meses depois, um outro colega nos falou da psicoterapia de um ex-soldado-criança, que o consultou aos dezoito anos de idade num serviço especializado. Esse paciente fora seqüestrado aos oito anos por um grupo armado, depois de ter visto o pai ser assassinado sob seus olhos. Aos dez anos de idade, tornou-se o guarda-costas do chefe desse grupo e, aos doze anos, chefe de grupo também. Participou de muitas atrocidades antes de fugir do país e refugiar-se na Europa. Seu terapeuta contou, de maneira muito emocionante, como havia procurado e encontrado a criança que ainda existia em seu paciente. Depois de alguns meses de terapia, o paciente conseguiu falar de sua família. Sua mãe estava viva, mas fora espoliada de sua casa por um tio, porque o paciente era tido como morto. Por conta disso, o paciente dizia que pretendia enviar seus companheiros ao vilarejo para liquidar o tio. Nesse momento, o terapeuta percebeu que as tropas de soldados-crianças continuavam ativas no momento em que a terapia se desenrolava, mesmo que a paz tivesse sido restabelecida no país, e ficou desestabilizado, como se ignorasse que os massacres ainda podiam recomeçar na África, embora estivesse particularmente bem informado sobre a situação no local. Os participantes do seminário sobre o traumatismo, que não tinham tanta experiência, sentiram a mesma incredulidade, quando compreenderam que a

⁶ Silvia Amati-Sas publicou o caso e desenvolveu suas idéias em 2004 em *Traumatic social violence: challenging our unconscious adaptation*. *Int. Forum Psycho-anal.* v. 13, p. 51-59.

história que lhes era contada no passado, na verdade, pertencia ao presente. No momento em que o grupo tentava pacientemente ligar traumas insustentáveis a representações inconscientes, os mesmos acontecimentos reproduziam-se na realidade externa! O sentimento de incredulidade que nos invadiu mostrou-nos, então, que acreditávamos mais uma vez que *isso nunca mais aconteceria*. Apesar de tudo o que sabíamos, acreditávamos que o traumatismo pertencia a um passado findo e que nunca mais deveria reproduzir-se graças ao progresso da civilização.

A irrupção brutal do mundo externo no *setting* analítico torna inicialmente o analista incapaz de *sonhar* o material que ele escuta, isto é, incapaz de figurar com a ajuda do seu aparelho psíquico os efeitos que recaem nele próprio das moções pulsionais do paciente. Ao invés de poder entregar-se a uma regressão formal, ele deve manter os olhos bem abertos diante do perigo externo, como alguém que sofre de insônia. Em seu único filme, *The night of the hunter*⁷, Charles Laughton (1955) representou essa insônia de forma magnífica. Duas crianças escaparam por um triz do assassino de sua mãe. Fogem numa embarcação, seguindo a direção do rio, mas, cada vez que tentam descansar e adormecer, a sombra do assassino a cavalo se projeta na parede do quarto. Uma das crianças exclama: “Ele nunca dorme?”.

A criança do filme só adormece quando é recolhida juntamente com a irmã por uma mulher dedicada, que transformou sua casa em lar para crianças errantes. Armada com sua espingarda, essa mulher toma conta da criança e impõe respeito ao assassino. Ela protege as crianças de seus desejos incestuosos e faz com que possam dormir e sonhar, como se nada mais pudesse lhes acontecer. À recusa da realidade da diferença dos sexos, representada pela espingarda de Lílian Gish, que faz o papel da personagem e encarna uma impressionante mãe fálica, responde a recusa da realidade dos perigos externos. Essa dupla recusa é saldada com uma trágica repetição no fim do filme, no momento em que o assassino é preso sob o olhar da criança, como aconteceu com o pai no início do filme. Lílian Gish cuida, a criança pode dormir e sonhar, como se os traumas externos não existissem. De modo semelhante, o analista, guardião do *setting*, que deve proteger o tratamento de qualquer interferência externa, corre o risco de recusar a realidade desta e ignorar que está envolvido com o paciente no movimento da história.

Se estivermos muito influenciados pela concepção *moderna* do processo de civilização, teremos maior tendência a considerar os traumas como pertencentes ao passado, negligenciando sua repetição no presente. A ideologia inconsciente

⁷ N.R.: *La nuit du chasseur*, no francês. *O mensageiro do diabo*, no Brasil.



da modernidade pode contribuir então para a formação do *eu ideal* do analista como mãe fálica, capaz de proteger o paciente e a si próprio de qualquer ingerência do mundo externo.

Blitz

Foi a auto-análise de um *eu ideal* semelhante que levou Silvia Amati-Sas a criticar sua atitude perante os acontecimentos do mundo externo durante a primeira análise de sua paciente: os acontecimentos históricos que advêm durante o tratamento não podem ser tratados como *um material como qualquer outro* porque o analista está tão submetido a eles quanto o paciente. Mudando de atitude interna perante esses acontecimentos, ela pôde analisar aquela parte do *setting* em que estavam depositados o *núcleo aglutinado* de sua paciente e sua imensa submissão aos objetos externos.

O que quer que se possa pensar das idéias de Bleger (1967), nas quais Silvia Amati-Sas se inspirou para encontrar a solução para o problema dos traumas externos que surgem durante o tratamento, esse problema existe em todas as análises. Com Freud e Melanie Klein, a análise permaneceu, durante muito tempo, estritamente limitada ao mundo interno do paciente. Mais tarde, na metade do século passado, a descoberta do papel do objeto juntou a esse espaço intrapsíquico o espaço intersubjetivo. Entretanto, também existe um espaço *trans-subjetivo* (Puget, 1996) no qual estão imersos paciente e analista. Os acontecimentos sucedidos nesse espaço, mesmo que não sejam tratados meramente como inexistentes, será que devem ser tratados *como um material como qualquer outro*?

A figura heróica do analista, unicamente absorvida pelo mundo interno do paciente, sem se interessar pelo mundo externo, poderia ser encarnada por Melanie Klein, principalmente no *caso Richard*. No tratamento dessa criança de dez anos com grave fobia, que se desenrolou de 28 de abril a 23 de agosto de 1941, portanto em plena Blitz, poderíamos acreditar que Melanie Klein se desinteressa totalmente do que acontece a sua volta, interpretando sistematicamente o que a criança lhe diz sobre a guerra como projeções de objetos internos. Isso é particularmente impressionante na versão encurtada e teorizada do caso, publicada em *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas* (1945). Por exemplo:

Minha interpretação associou esse temor à cidade-*chiqueiro*. Esta representava em seu pensamento o *interior* do meu corpo e do corpo da mãe, que se tornaram maus por causa das explosões e das bombas de Hitler;

estes, por sua vez, significavam o *mau* pênis e seu pai entrando no corpo da mãe e transformando-o em um lugar perigoso e ameaçado (p. 375, grifos do autor).

Essa interpretação é apresentada a Richard por Melanie Klein depois de a criança lhe ter mostrado de diversas maneiras a intensidade de suas angústias depressivas. Foi na primeira sessão após uma interrupção por ocasião de uma viagem da analista a Londres por alguns dias, num período em que essa cidade era bombardeada diariamente. Melanie Klein tem plena consciência de que a criança sentiu muito medo pela analista, mas interpreta as bombas de Hitler como *significando o mau pênis do pai entrando no corpo da mãe*. As bombas parecem ser, para ela, um material como qualquer outro e a interpretação, uma tradução de símbolos. Parece-me, no entanto, que se examinarmos a versão detalhada publicada em 1961 com o título *Narrativa da análise de uma criança*, essa crítica está longe de ser justificada. Isso pode ser observado já na primeira interpretação da primeira sessão. Respondendo a uma pergunta da analista, Richard fala de suas fobias: ele tem medo das outras crianças na rua, detesta a escola e sempre pensa na guerra. Pensa que os aliados ganharão, mas o que o preocupa são as atrocidades que Hitler cometeu com os poloneses. Será que fará a mesma coisa na Inglaterra? O menino está confiante, Hitler será vencido.

Na parede, há um grande mapa que Richard observa enquanto fala.

A senhora K. é mesmo austríaca, não é? Hitler maltratou os austríacos, embora ele mesmo fosse austríaco. Uma bomba caiu perto da antiga casa deles em Londres. Não houve grandes danos, mas a pobre cozinheira deve ter sentido muito medo. Os canários devem ter ficado agitados e apavorados.

Ele verifica se disse mesmo tudo o que o preocupa. “Ah sim! Pergunta-se como é dentro dele, como o sangue corre. Se ficarmos muito tempo de cabeça para baixo e o sangue subir para a cabeça, não corremos o risco de morrer?” (1961, p. 22).

A analista lhe pergunta então se ele se preocupa com a mãe. Richard diz que, com muita frequência, realmente sente medo à noite de que um homem malvado, um vagabundo, venha fazer mal a sua mãe e seqüestrá-la. Se isso acontecesse, ele jogaria água fervente no vagabundo para protegê-la. Antes do nascimento de Richard, a mãe foi atropelada por um carro e levada para casa numa maca.

A analista lhe pergunta como o vagabundo entraria. Com certa resistência, Richard responde que ele poderia entrar pela janela, talvez quebrando um vidro.



Melanie Klein (1961) apresenta então a primeira interpretação do tratamento (provavelmente feita em vários momentos, mas, no texto, ela coloca numa única frase). A senhora Klein pergunta-lhe se não era verdade que esse vagabundo, que faria mal a sua mãe, se parecia com Hitler, que havia amedrontado a cozinheira na noite do ataque aéreo e maltratado os austríacos. Richard também sabia que a senhora Klein era austríaca e que, portanto, ela também ia ser maltratada. À noite, talvez ele sentisse medo quando os pais estavam na cama; temia que algo acontecesse entre eles, com seus órgãos genitais, e que fizessem mal a sua mãe. Richard pareceu apavorado e espantado. Parecia não compreender o sentido da palavra *genital*. Até então ele tinha visivelmente compreendido as interpretações e ouvia com sentimentos misturados.

Na primeira parte dessa interpretação, Melanie Klein não diz de forma nenhuma que Hitler simboliza um *mau pênis*. Ela dá um sentido *a posteriori* a um traumatismo recente, que é o bombardeio da casa de Richard em Londres, ligando-o à fantasia angustiante do menino. Um primeiro aspecto muito importante do ambiente externo ao *setting* é assim relacionado com o mundo interno da criança: tanto a analista quanto seu paciente são refugiados que fugiram de Londres para a Escócia para escapar da Blitz.

Um segundo aspecto essencial do espaço transpessoal é interpretado na transferência, quando Melanie Klein mostra discretamente que a *pobre cozinheira* a representa, uma vez que, como os *pobres austríacos*, ela foi amedrontada por Hitler. Richard se pergunta de que lado está sua analista, pois sabe que ela é austríaca. Melanie Klein não hesita em dizer ser uma vítima de Hitler, mas isso não impedirá absolutamente que a criança a fantasie em outros momentos como uma nazista convicta.

A última parte da interpretação é a mais chocante. Até então Melanie Klein acompanhou muito de perto as associações de Richard. Ele nunca falou de sexualidade. Então, Melanie Klein traduz diretamente o bombardeio como a projeção de uma fantasia inconsciente da cena primária, nada sendo evocado sobre isso no material da criança. Talvez Melanie Klein tenha *agido*⁸ sobre o que apavora a criança durante a noite, arrombando sexualmente sua intimidade. Pode-se pensar, ainda mais assim, porque o *setting* da análise por si mesmo põe sob tensão os desejos incestuosos da criança. Para ter as seis sessões semanais de análise, o menino passa a semana com a mãe em Pitlochry, pequena cidade escocesa

⁸ N.R.: *Mis en acte*, no francês. *Agieren*, no alemão.

onde se refugiou Melanie Klein, e só vai ao encontro do pai na cidade nos fins de semana (Grosskurth, 1986). A interpretação escandalosa de Melanie Klein seria então um *acting out*, mas um *acting out* que introduz na interpretação um aspecto muito importante do *setting*, que depois será longamente elaborado, sobretudo quando a mãe de Richard o deixará sob os cuidados de uma família de Pitlochry para ir ao encontro do pai do menino e, depois, quando o pai sofre um mal-estar grave.

Após essa longa e escandalosa interpretação, Richard fica inicialmente estupefato. Ele obriga Melanie Klein a dar laboriosas explicações de educação sexual. Mas, ao chegar em casa, faz perguntas à mãe sobre o acidente do qual ela foi vítima e descobre tê-lo testemunhado, pois tal acidente não aconteceu antes do nascimento do menino, como este pensava, mas quando ele tinha dois anos de idade. O trauma ligado à situação de transferência e seu início de interpretação deu um sentido a *posteriori* não somente aos traumas históricos recentes, mas também a um trauma primário, ocorrido antes da aquisição da linguagem. Nessa mesma segunda sessão, essa criança gravemente fóbica, a ponto de não freqüentar a escola, fala do prazer que sentiu em passear.

Apesar da brutalidade aparente, a primeira interpretação de Melanie Klein apresentada a Richard não fica muito longe do que poderíamos chamar de uma interpretação ideal: de fato, ela liga o trauma provocado pela situação de transferência a traumas recentes, a um trauma primário, à atualidade externa e aos sintomas de que sofre o paciente. No uso que Melanie Klein fez desse material para aclarar o complexo de Édipo pelas angústias precoces, foi principalmente o mundo interno da criança que ela privilegiou. Este foi o foco de suas pesquisas e de sua polêmica com Anna Freud. Isso não significa, contudo, que ela se desinteressasse do contexto histórico que compartilhava com a criança. Simplesmente não falava dele em suas publicações.

A influência ideológica de uma concepção *progressista* do desenvolvimento da civilização pode perfeitamente, em certos casos, levar paciente e analista, protegidos pelo *setting*, a recusarem a realidade dos acontecimentos externos. No entanto, no exemplo de Melanie Klein, essa influência não se exerce sobre o que a analista faz, mas sobre o que diz que faz. Melanie Klein *interpreta o setting*, mas não diz. Em seu ensinamento, ela não transmite à geração seguinte de analistas o problema da interpretação do *setting*, de modo que caberá à geração de Bleger inventá-lo.

Um analista não pode mencionar em seu ensino todos os conceitos que emprega, de maneira que tais conceitos fiquem sujeitos a se perderem na transmissão



da psicanálise à geração seguinte. É o caso do conceito de *a posteriori*, do qual Melanie Klein, sem dizê-lo, faz um uso importante no exemplo anterior e que, misteriosamente, desapareceu nas gerações seguintes de analistas de língua inglesa. Ao contrário, o uso escandaloso da sexualidade infantil nos casos clínicos de Melanie Klein talvez tenha levado as gerações seguintes a deixarem de falar da sexualidade, o que não significa que não a levem em conta em sua prática. □

Abstract

The night of the hunter: discontents in contemporary culture

In Charles Laughton's movie *The night of the hunter*, two children believe that they have escaped from the murderer of their mother, who is chasing them to rob the treasure left by their father to them. When they finally think they can sleep and dream peacefully, they are soon woken by the chant of the murderer, who has tracked them down. "He never sleeps!", says the older child to the younger. In the same way, therapists of collective crime survivors are sometimes traumatized when they become aware that the crimes they believed belonging to the past are repeated at the very time their features are being worked through. Thus, they perceive that they still believe in a continuous progress of civilization, as Freud, even though another part of them is well aware that we have entered post-modernity after Auschwitz and Hiroshima. Shall this cleaved position be inherent to the psychotherapist in the treatment of survivors, or might it be replaced by the political and social context taken into account in the interpretation?

Keywords: Post-modernity. Collective traumas. Civilization.

Resumen

La noche del cazador: malestar en la cultura contemporánea

En la película de Charles Laughton, *El mensajero del diablo* (*The night of the hunter*), dos niños creen haber escapado del asesino de su madre que los persigue para les robar el tesoro dejado por el padre. Cuando piensan que finalmente pueden dormir y soñar en paz, luego son despiertas por el canto del asesino, que siguió sus huellas. "¡Él nunca duerme!", dice el niño mayor al menor. Del mismo modo,

los terapeutas de supervivientes de crímenes colectivos resultan, a veces, traumatados al tomar conciencia de que los crímenes que pensaban pertenecer al pasado se repiten en el mismo momento en que sus rasgos están siendo elaborados. Perciben, entonces, que todavía creen en un progreso continuo de la civilización, así como Freud, aunque otra parte de ellos sepa bien que entramos en la postmodernidad después de Auschwitz e Hiroshima. ¿Esa posición fragmentada será inherente a la posición del psicoterapeuta en el tratamiento de supervivientes, o será que se puede sustituirla por el contexto político y social considerado en la interpretación?

Palabras llave: Postmodernidad. Traumas colectivos. Civilización.

Referências

- AMATI-SAS, S. (2004). Traumatic social violence: challenging our unconscious adaptation. *Int. Forum Psycho-anal.* v. 13, p. 51-59.
- BLEGER, J. (1967). *Symbiose et ambiguïté*. Paris : PUF, 1981.
- DIATKINE, G. (2000). Le surmoi culturel. *Revue Française de Psychanalyse.* v. 5, p. 1523-1588.
- FREUD, S. (1887-1902). *Naissance de la psychanalyse*. Paris : PUF, 1996.
- _____. (1905). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Gallimard, 1923.
- _____. (1908). La morale sexuelle civilisée et la maladie nerveuse des temps modernes. In: _____. *La vie sexuelle*. Paris : PUF, 1969, p. 28-46.
- _____. (1909). L'homme aux rats. In: _____. *Cinq psychanalyses*. Paris: PUF, 1988, p. 199-261.
- _____. (1911). Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa. Le président Schreber. In: _____. *Cinq psychanalyses*. Paris: PUF, 1954, p. 263-324.
- _____. (1915). Considérations actuelles sur la guerre et sur la mort. In : _____. *Essais de psychanalyse*. Paris : Payot, 1981, p. 7-40.
- _____. (1920). Au delà du principe de plaisir. In: _____. *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1985, p. 41-114.
- _____. (1923). Le moi et le ça. In: _____. *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981, p. 219-275.
- _____. (1929). *Malaise dans la civilisation*. Paris: PUF, 1971.
- _____. (1933). Pourquoi la guerre? In : _____. *Résultats, idées, problèmes II*. Paris : PUF, 1995, p. 69-81.
- GROSSKURTH, P. (1986). *Melanie Klein, son monde et son œuvre*. Paris: PUF, 1989.
- KLEIN, M. (1945). Le complexe d'Œdipe éclairé par les angoisses précoces. In : _____. *Essais de psychanalyse*. Paris : Payot, 1968, p. 370-424.
- _____. (1961). *Psychanalyse d'un enfant*. Paris : Tchou, 1973.
- LYOTARD, J.-F. (1979). *La condition post-moderne*. Paris : Minuit.
- THE NIGHT of the hunter. (1955). Direção : Charles Laughton. Produção : Paul Gregory. [S. l.] : United Artists ; Columbia Pictures Corporation Ltd. 1 DVD. Baseado em livro de Davis Grubb.
- PUGET, J. (1996). En quête d'une ineffable reconnaissance. *Topique.* v. 61, p. 467-480.



A noite do caçador: mal-estar na cultura contemporânea

VALERY, P. (1919). La crise de l'esprit. *Variété*. v. 1-2, p. 13-51.

ZWEIG, S. (1944). *Le monde d'hier. Souvenirs d'un européen*. Paris: Belfond, 1993.

Recebido em 19/03/2008

Aceito em 26/03/2008

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz**

Gilbert Diatkine

48 boulevard Beaumarchais

75011 – Paris – France

e-mail: Gilbert.Diatkine@wanadoo.fr

© Gilbert Diatkine

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA

